

cronicascariocas.com

Entrevista com o escritor Antônio Torres da Academia Brasileira de Letras, por Rodrigo Poeta - Crônicas Cariocas

Rodrigo Poeta

8–11 minutos



1 – O que despertou você para a Literatura?

Foi um caso de amor à primeira leitura, na escola da minha infância, na qual todo dia era dia de recital de poesia de Olavo Bilac (“*Criança, não verás país nenhum como este*”...), Castro Alves (“*Auriverde pendão da minha terra/ que a brisa do Brasil beija e balança*”...), Gonçalves Dias (“*Não chore, meu filho/ não chore,/ que a vida é luta renhida,/ viver é lutar*”), Casimiro de Abreu (“*Ai que saudade que eu tenho/ da aurora da minha vida*”...), este podendo até levar à pergunta: como aqueles meninos viriam a ter saudade da aurora de uma vida na qual ainda estavam? Mas não. O encanto que tais leituras lhes traziam superava qualquer estranhamento. Nesse contexto, comecei a rabiscar os meus primeiros textos, que guardava debaixo do colchão da cama em que dormia, com medo da vergonha que iria passar se um adulto

os lesse.

2 – Como nasceu o seu primeiro livro, “Um cão uivando para a Lua”?

Ao visitar um amigo que estava internado num hospício, e sendo tratado com eletrochoques, senti um forte abalo emocional, provocado não só pelo que ele estava passando, mas por todo o ambiente ao seu redor. Ao voltar para casa, pus no aparelho de som um disco do trompetista Miles Davis, cujos improvisos lancinantes ao tocar uma terna canção chamada “*My funny Valentine*” me trouxe à memória a imagem de um cão uivando para a Lua. Foi aí que me surgiu a ideia de escrever a história de um doido a bater papo consigo mesmo o tempo todo. Oito meses depois eu tinha um romance nas mãos, que veio a causar um grande impacto na crítica e no público, lá se vão quase 50 anos. Tudo que me aconteceu depois foi uma consequência daquela feliz estreia, nas palavras de Aguinaldo Silva, na primeira resenha publicada sobre “*Um cão uivando para a Lua*”.

3 – No livro “Meu Querido Canibal”, como foi feita a pesquisa sobre o grande Cunhambebe?

Aos retalhos: uma linha aqui, outra ali. Como Cunhambebe não dominava a escrita, a sua epopeia ficou reduzida aos verbetes dos historiadores brancos. Para contar a história dele tive de fazer um grande esforço de reportagem, ao mesmo tempo em que dava asas à imaginação, pois, como não dispunha de elementos para escrever uma biografia, naveguei pelas águas ilimitadas do romance.

4 – De Sátiro Dias, cidade do interior baiano, para imortal da Academia Brasileira de Letras. Descreva o seu passado, presente e futuro de sua vivência.

O passado me levou a experiências que ainda me nutrem no presente, este tempo em suspenso em que vivemos, a contar ausências, entre uma pandemia e um pandemônio, e do qual espero sobreviver, para chegar ao futuro com velhas e boas histórias a serem bem contadas.

5 – Qual dos seus romances você mais se identifica?

O que acaba de ser publicado, “*Querida Cidade*”. Estou todo nele, tanto na pele e na alma do seu protagonista, quanto de muitos dos personagens secundários, embora não se trate de um romance autobiográfico, e sim de uma narrativa com espaço total para a

fabulação e a busca da invisível corrente rítmica do texto, o que, afinal, faz parte integral das minhas obsessões.

6- Qual a sua análise sobre a Literatura no Brasil atualmente?

Pelos muitos e excelentes livros que têm me chegado, deduzo que a nossa literatura vai muito bem. Assim por alto, ao correr das teclas, cito os romances *“Nesta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela”*, de Ignácio de Loyola Brandão; *“Um dia chegarei a Sagres”*, de Nélida Piñon; *“As meninas do coronel”*, de Aramis Ribeiro Costa – um extraordinário romancista baiano ainda a ser descoberto no Sudeste -; *“Terra dividida”*, de Eltânia André, uma bela autora mineira no ponto para ser lida Brasil adentro e afora; incluo no mesmo caso o premiado Maurício Melo Júnior, de Pernambuco, de quem estou lendo *“Não me empurre para os perdidos”*, seu 24º. livro, e segundo romance. Por fim, mas não por último, Itamar Vieira Júnior que, com *“Torto arado”*, se tornou o fenômeno literário da temporada. No conto, destaco *“Todos os desertos: e depois?”*, do sempre bom mineiro Ronaldo Cagiano. Fecho a lista com *“A Terra em Pandemia”*, longo poema narrativo de Aleilton Fonseca, que é também romancista (*“Nhô Guimarães”* e *“O pêndulo de Euclides”*), além de contista e cronista. Há mais e mais na minha bancada aqui ao lado, para todos os gostos literários. Viva o escritor brasileiro.

7 – Como prosador, já se aventurou na escrita poética?

Sim, no começo, quando era o menino queria ser Castro Alves. Ao chegar a adolescência, um professor me disse: *“Acho que você vai se sair melhor na prosa do que na poesia”*. Os meus 18 títulos publicados até agora demonstram que ele estava certo. Mas meu fascínio pela poesia continua o mesmo de quando a descobri na escola da minha infância rural.

8 – Conta um pouco sobre o seu novo livro “Querida Cidade”.

“Querida Cidade” surgiu de um sonho, belamente refletido em sua capa pelo artista gráfico Leonardo Iaccarino. É o meu 12º. romance, e levou 12 anos para chegar ao ponto final. Acaba de ser publicado pela editora Record e já está em todas as livrarias e também pode ser encontrado na **Amazon**, que entrega em casa. Foi escrito tendo por mote uma música chamada *“Dolores Sierra”*, quando diz que quem nasce na roça tem sempre a ilusão de viver na cidade. E resultou numa história cheia de histórias, bem brasileiras. Já há quem diga que é o meu melhor romance. Tomara que seja mesmo.

9 – Deixe uma mensagem para os nossos leitores e amantes da boa literatura.

No país que deu Machado de Assis, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Clarice Lispector etc., só podemos é ter fé e orgulho na nossa literatura. No mais, é como dizia o poeta português Alexandre O’Neill, meu amigo de toda a vida:

**“Folha de terra ou papel,
Tudo é viver, escrever”.**



Sobre o autor

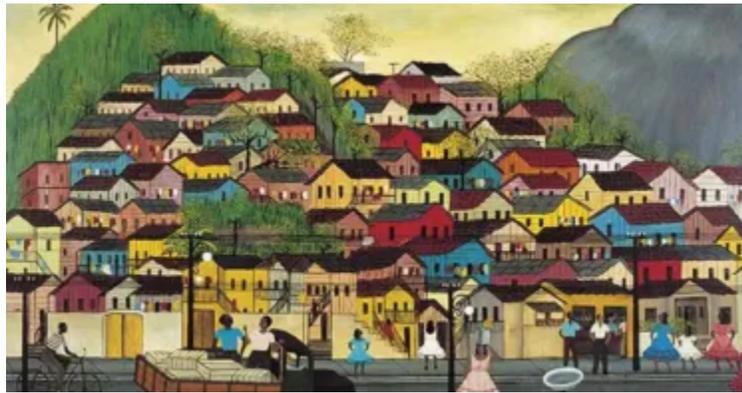


Rodrigo Poeta

Rodrigo Octavio Pereira de Andrade (Rodrigo Poeta): *Nascido em Cabo Frio/RJ em 29 de setembro de 1977. Escritor com vários livros publicados como: Poesiarte (2012), Haicais Ásperos (2015), Crônicas do Silêncio (2016) e Aroeira (2017). Professor de Língua Portuguesa, Redação e Literatura. Revisor, acadêmico e pesquisador. Possui textos publicados em jornais, revistas, antologias, sites e blogs do Brasil e exterior. Autor do Projeto Poesiarte de âmbito internacional desde 2002. Membro Fundador da Academia de Artes de Cabo Frio (ARTPOP), Membro Fundador da Academia de Letras e Artes de Cabo Frio/RJ (ALACAF), Ex-

Presidente e Membro da Academia Cabista de Letras, Artes e Ciências de Arraial do Cabo/RJ (ACLAC), Ex-Presidente e Membro da Academia Cabo-friense de Letras (ACL), Membro Honorário da Academia de Artes, Ciências e Letras de Iguaba Grande/RJ, Cônsul pelos POETAS DEL MUNDO em Cabo Frio/RJ (entidade do Chile), Membro Honorário da Academia Marataizense de Letras de Marataízes/ES, Membro Correspondente da Academia Itapireense de Letras de Itapira/SP, Membro Correspondente da Academia de Ciências, Letras e Artes de Minas Gerais de Manhuaçu/MG, Membro Correspondente da Academia de Letras e Artes de Valparaíso (Chile), Chanceler Honorário da Federação dos Acadêmicos Brasileira das Ciências, Letras e Artes (FEBACLA), Membro da Inpsha “Pegasus” (Albânia), Membro Correspondente da Academia Barramendense de Letras de Barra do Mendes/BA e Embaixador da Boa Vontade pela Peace Mission (Paquistão). Recebeu diversos prêmios e homenagens no Brasil e exterior em destaque: Troféu Carlos Drummond de Andrade de Itabira/MG, Troféu Casimiro de Abreu e Medalha Zumbi dos Palmares da FALASP. Diploma Prof. Affonso Santa Rosa pela Câmara Municipal de Cabo Frio/RJ. Atualmente compõe ao grupo de resgate da memória da ACL VIVA!

Você pode gostar



O prefixo pluri vem do latim (plus, pluris, mais, maior) e exprime a noção de muitos, que em junção com a palavra linguagem amplifica o conceito da mesma dentro de suas funçõesLeia mais...